

ACOLHIMENTO E ORIENTAÇÃO DE GESTANTES PARA A PREVENÇÃO DE DOENÇAS MENTAIS EM CRIANÇAS

Marcionila Rodrigues da Silva Brito¹

Ana Cecília Crispim Silva²

Camila Alves Araújo³

Aldine Gimenez Martim Reges⁴

Camila Turati Pessoa⁵

RESUMO: Este trabalho foi consequência da realização do projeto de extensão “Acolhimento e Orientação de Gestantes” advindo do Programa Institucional de Estágio Acadêmico de Extensão Remunerado (PIEEX/PROEX/UFU) realizado de setembro de 2009 a fevereiro de 2010. Esse projeto teve como objetivos orientar e conscientizar mulheres e seus acompanhantes sobre os cuidados básicos com o filho e a importância da relação mãe-bebê, além de lhes oferecer um espaço para esclarecer dúvidas e falar sobre experiências e sentimentos relacionados com a maternidade e o cuidado do bebê. O projeto mostrou-se necessário visto que os adultos cuidadores podem ser os principais responsáveis por quem será a criança futuramente, auxiliando na formação de sua individualidade e identidade. Desse modo, foram realizados oito encontros, quinzenalmente, com duração de 1 hora e 30 minutos cada. Os temas abordados priorizaram assuntos como o desenvolvimento físico e psicológico do bebê, relação mãe-bebê, família, aleitamento materno, primeiros socorros e prevenção de acidentes. Após o término do projeto, pôde-se perceber que, embora o número de participantes tenha sido variado durante os encontros, os objetivos foram alcançados, já que as mães apontaram o quanto as temáticas abordadas foram úteis para elas se sentirem mais preparadas para cuidar de seus bebês.

PALAVRAS-CHAVE: Gestantes. Relação mãe-bebê. Doenças mentais. Prevenção.

Reception and orientation of pregnant for the prevention of mental disorder in children

ABSTRACT: This work was a result of the realization of the extension project “Acolhimento e Orientação de Gestantes” (Reception and Orientation of Pregnants) coming from the Institutional Program of Academic Extension Paid Internship (PIEEX/PROEX/UFU) conducted from September 2009 to February 2010. This project aimed to guide and orientate women and their companions about the basic cares with their child and the importance of mother-infant relationship,

¹ Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, psicóloga e professora do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (marcionila@fapsi.ufu.br).

² Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia e estagiária bolsista do projeto de extensão “Acolhimento e Orientação de Gestantes” (anaceciliacrispim@hotmail.com).

³ Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia e estagiária bolsista do projeto de extensão “Acolhimento e Orientação de Gestantes” (camila.aaraujo@hotmail.com).

⁴ Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia e estagiária voluntária do projeto de extensão “Acolhimento e Orientação de Gestantes” (aldinegimenez@yahoo.com.br).

⁵ Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia e estagiária voluntária do projeto de extensão “Acolhimento e Orientação de Gestantes” (camilatpessoa@gmail.com).

besides offering them a space to make questions and to talk about experiences and feelings related with the motherhood and the baby's care. This project proved to be necessary since the adults caregivers may be mainly responsible by whom the child will be in the future, assisting in the training of his individuality and identity. Thus, eight meetings was held every fortnight, with duration of 1 hour and 30 minutes each. The topics covered prioritized issues such as the physical and psychological development of the baby, mother-infant relationship, family, breastfeeding, first aid and prevention of accidents. After the end of the project, it could be seen that although the number of participants has been mixed during the meetings, the objectives were achieved, as mothers showed how the themes were helpful for them to feel more prepared to care for their babies.

KEYWORDS: Pregnants. Mother-infant relationship. Mental disorders. Prevention.

INTRODUÇÃO

A natureza feminina está envolvida num complexo biológico, psicológico e cultural, sendo a maternidade uma experiência particular que revela muitos detalhes da especificidade da mulher. Receber e desenvolver outro ser dentro de si, independente e com características próprias, vida, ritmo, movimentos e sexo é uma tarefa complicada. A gravidez é acompanhada de diversas transformações hormonais, físicas e psicológicas que encerra grandes desafios, incertezas e segredos do ser humano (CARON, 2000).

Sabe-se que é impossível discriminar separadamente as complexas inter-relações entre fatores hormonais e psicológicos quando falamos de aspectos relevantes da gravidez. Desse modo, é importante que exista, segundo Maldonado (1986), uma colaboração interdisciplinar para que não sejam realizadas distorções óticas e parciais por parte dos especialistas.

Assim, o obstetra que está mais atento ao aspecto somático das manifestações da gestante pode ajudar o psicólogo a evitar o perigo do “psicologismo”, no que se refere a tentar negar a influência de fatores hormonais, mecânicos e bioquímicos em diversos aspectos do ciclo grávido-puerperal. Por outro lado, o psicólogo fica responsável por captar as gradações emocionais e suas manifestações intra e interpessoal, auxiliando o obstetra a ter um entendimento melhor a respeito do funcionamento dinâmico da gestante como um todo integrado.

Segundo Maldonado (1986), a gravidez é um período de transição que faz parte do processo normal do desenvolvimento da mulher. Nesse momento, é preciso que haja uma reestruturação e um reajustamento de diversas dimensões da vida da gestante. Primeiramente, nota-se uma mudança de identidade e uma nova definição de papéis. A mulher começa a se olhar e a ser vista de uma forma diferente. É importante ressaltar que esse processo também ocorre com o homem, visto que a paternidade pode ser considerada como uma transição no desenvolvimento emocional masculino.

A decisão de ter um filho resulta da interação de diversas razões, as quais podem ser inconscientes ou conscientes. Tais razões podem ser: concretizar o desejo de transcendência e continuidade, elaborando a angústia da morte e a esperança da imortalidade; a gestante (ou companheiro)

querer dar um filho para sua própria mãe; preencher o vazio de um companheiro; um dos pais querer competir (se tornar superior) com um de seus irmãos; buscar uma extensão de si próprio, sendo que o filho que está por vir tem como “missão” preencher lacunas e desejos da vida de seus pais. Outras vezes, o filho pode ser planejado para unir um casal que está com dificuldades de relacionamento, como se ele fosse responsável pela não separação iminente; dentre outras.

Dessa forma, considerar a gravidez como um período de transição não quer dizer que este momento crítico se encerra com o parto. Na verdade, a maioria das mudanças maturacionais ocorre após o parto e, desse modo, o puerpério pode ser considerado como a continuação da situação de transformação, já que sugere diversas e novas alterações fisiológicas e grandes modificações na rotina e no relacionamento familiar (MALDONADO, 1986).

Desde a concepção existem inúmeras influências ambientais que se manifestam por meio da história dos pais, seus desejos e conflitos, suas fantasias inconscientes e o lugar reservado ao bebê que está por vir. Tudo isso influencia o novo ser desde a gestação até o final da vida. Assim, as imagens internas que a mãe faz de seu filho, as representações pré-parto ligadas ao seu bebê imaginário podem contribuir na evolução da relação mãe-filho.

A relação mãe-bebê começa então a ser estabelecida logo que este bebê é gerado. Inicialmente, essa qualidade do vínculo tem um sentido unidirecional, da mãe para o bebê, e com o passar dos meses da gestação, o bebê dará respostas no ventre de sua mãe e esta começará a sentir fisicamente a presença de uma nova vida dentro de si.

Pode-se exemplificar como o bebê começa a ser investido de expectativas de seus pais e principalmente da mãe pelo primeiro contato visual com o bebê. A ultra-sonografia feita durante a gestação é sem dúvida um dos exames que mais desperta curiosidade e expectativas (CARON, 2000). A partir disso, começa-se a perceber que os pais sempre estão esperando algo de seu bebê, o que pode ser observado a partir da grande curiosidade sobre o sexo do mesmo e a preocupação com sua saúde, ainda dentro da barriga da mãe.

No entanto, a mãe não estabelece esse vínculo com seu filho de forma aleatória. Como destaca Caron (2000), as influências ambientais existem desde a concepção do feto, por meio da história passada dos pais, seus desejos, suas fantasias inconscientes, seus conflitos transgeracionais e o lugar destinado a este filho. Com isso, esse bebê já carrega consigo uma história de vida de seus antepassados, uma bagagem genética e cultural. É importante ressaltar que essas influências também são levadas em consideração quando se fala de vínculo e da relação mãe-bebê.

Sabe-se que a relação que se estabelece com o bebê no útero é de extrema importância. Entretanto, bem mais que esta, é preciso considerar a relação que será estabelecida com o bebê após o parto. Segundo Maldonado (1989), o vínculo com o filho não se desenvolve a partir de um instinto materno e nem mesmo depende da biologia, dos laços de sangue. O convívio e a disponibilidade para cuidar de uma criança e acompanhar seu desenvolvimento são aspectos cruciais na construção do amor e desse vínculo.

No que diz respeito à comunicação mãe-bebê, Motta (2005) afirma que as mães que amamentam

em ambiente tranquilo, dando atenção exclusiva a seu filho, falando com ele em “manhês” (língua carinhosa, melodiosa, que as mães usam para falar com os bebês), logo percebem que o bebê retribui seu investimento balbuciando mais cedo e se desenvolvendo dentro da normalidade.

Além disso, acredita-se que, na impossibilidade da mãe cuidar do filho, todo este trabalho de maternagem, rico em afeto, deve ser realizado por um substituto também amoroso e cuidadoso, que ao oferecer a mamadeira à criança em seu colo preencha todas as características de uma mãe boa o bastante, como preconiza Di Loreto (2004).

Para Motta (2006), saúde mental no início da vida se refere primordialmente a um relacionamento mãe-criança, e não a um indivíduo, sendo que o ambiente que circunda o par mãe e bebê pode ser facilitador ou não da satisfação das necessidades de ambos. Para a autora, esse ambiente é a família e as pessoas que a rodeiam, tendo este uma função definidora de saúde e doença, dificultando ou facilitando o enfrentamento das “crises” advindas do processo dirigido à maturidade.

A formação do vínculo pais-filho tem seu início ainda durante a gestação. Nesse período, começa a se constituir uma reestruturação da rede de intercomunicação da família, que pode ser considerada como um ponto de partida de um novo equilíbrio dinâmico que irá se estabelecer na unidade familiar. Com isso, percebe-se que a gravidez é um momento em que os esforços preventivos de uma equipe de assistência materno-infantil devem estar presentes, possibilitando um atendimento mais global e satisfatório tanto para a saúde física quanto mental de pais e filhos (MALDONADO, 1986).

Ademais, é preciso compreender o desenvolvimento infantil a partir de uma forma interacional e dinâmica, pois isso pode possibilitar uma constante avaliação de sintomas, sinais, prejuízos e carências, podendo contribuir para uma melhora das situações de cada período de vida. É importante entender, assim, que não se pode negar a relevância dos fatores que incidem nos primeiros anos de vida (CELIA, 1997). Dessa maneira, torna-se mais viável auxiliar os indivíduos em momentos bastante precoces do seu desenvolvimento com uma melhor compreensão sobre como ocorre a construção dos alicerces básicos da vida mental e de formas possíveis de intervenção (MOTTA, 2006).

Baseando-se no conceito de saúde mental, é importante considerar os fatores de risco como características ou condições de viver de um indivíduo ou grupo de pessoas que geram uma maior propensão para o desenvolvimento de uma doença ou efeitos que a mesma pode provocar. Desse modo, “risco” seria a possibilidade de ocorrer uma perturbação mental, podendo ser apresentado em três grupos, sendo eles: biológicos, psicossociais, sócio-culturais.

O primeiro grupo engloba os riscos genéticos, lesões do tipo traumáticas, tóxicas e infecciosas do sistema nervoso central e algumas doenças físicas crônicas. Já os riscos psicossociais incluem instabilidade, insegurança, desemprego, separação precoce da mãe ou substituto materno e a morte de um dos pais. Enfim, o terceiro grupo, riscos socioculturais, refere-se à aculturação de populações que migram, casos de alcoolismo e drogadição infantil e na adolescência (EISENSTEIN; SOUZA, 1993).

Pesquisas têm mostrado que o acúmulo de riscos pode levar a graves consequências quando atingem o momento do desenvolvimento de bebês e crianças (CELIA, 1997). Percebe-se que um possível aumento ou redução nos fatores de risco está diretamente ligado ao comprometimento e

realização de medidas a fim de que isso influencie as próximas gerações. O fato de tentar prever e estudar os fatores de risco é uma tentativa de mostrar aos pais a importância de estarem sempre alertas e orientá-los para intervirem quando for necessário (EISENSTEIN; SOUZA, 1993).

Dessa maneira, a gestação, o parto, os primeiros instantes de vida, as primeiras relações, a construção e a internalização do apego são situações que se relacionarão totalmente com os cuidadores do bebê e o seu início de vida. Disso nascerá, entre tantas vivências, a “empatia” da criança, que a levará a uma situação de melhor convivência com o mundo, sua adaptabilidade e conseqüentemente sua segurança, firmeza para buscar autonomia, criatividade e vivência grupal no futuro, que lhe assegurará uma existência mais saudável (CELIA, 1997).

Além disso, compreender os potenciais, as competências de um ser humano, suas vicissitudes, os riscos que o acometem, a prevenção, a psicoprofilaxia e o modo de desenvolvimento, auxilia no entendimento e na interpretação dos fatores que corroboram para o surgimento de problemas psicológicos (CELIA, 1997).

Os riscos são fatores comuns na sociedade atual, mas o que tem se tornado prejudicial é o acúmulo destes, que pode acarretar sérias conseqüências quando atinge o desenvolvimento do bebê. Em algumas circunstâncias, o ambiente intrauterino e a relação materno-fetal se desajustam de tal maneira que podem tornar-se prejudiciais e ameaçadores para a vida do bebê.

De acordo com Célia (1997), na saúde pública, é preciso haver uma priorização do trabalho em equipe, além de uma formação qualificada dos agentes de saúde e das nações de prevenção e psicoprofilaxia, começando pela atenção à gestante, a parturiente, às primeiras relações, às primeiras mamadas, aos cuidados parentais com o reforço da parentalidade, a atenção à creche e a capacitação das mesmas. Reforça ainda que tudo isso deve ser realizado sem que se perca a visão integrada da ação preventiva e terapêutica.

Dessa forma, Motta (2006) afirma que trabalhos de intervenções e orientações precoces “têm como aspecto essencial tentar preparar a família, os pais, para que, no desempenho de suas funções parentais, tenham melhores condições de promover a saúde, propiciando o desenvolvimento psicológico dos filhos”.

A partir disso, esse projeto mostra-se necessário e relevante, visto que os adultos cuidadores podem ser os principais responsáveis pela constituição da identidade infantil, auxiliando na formação de sua individualidade, constituída a partir de suas relações que são relevantes desde sua concepção.

Ante o exposto, os objetivos desse projeto consistiram em acolher, orientar e conscientizar as gestantes e seus acompanhantes sobre os cuidados básicos com o filho e a importância da relação mãe-bebê. Ademais, possibilitar às gestantes e seus acompanhantes um espaço para esclarecer dúvidas e falar sobre experiências e sentimentos relacionados à maternidade e ao cuidado com o bebê, visando seu desenvolvimento saudável nos aspectos bio-psico-social-histórico-ecológico-espiritual. Com isso, a finalidade do projeto foi ampliar o atendimento preventivo às gestantes, além de diminuir e/ou prevenir o surgimento de fatores de risco da relação mãe-bebê que podem interferir no desenvolvimento global da criança.

METODOLOGIA

Este trabalho foi consequência da realização do projeto de extensão “Acolhimento e Orientação de Gestantes”, advindo do Programa Institucional de Estágio Acadêmico de Extensão Remunerado (PIEEX), custeado pela Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis (PROEX/UFU) e realizado no período de setembro de 2009 a fevereiro de 2010.

Para a realização do projeto, algumas etapas foram seguidas. Inicialmente, foram elaborados e confeccionados panfletos e cartazes para a divulgação. Posteriormente, realizaram-se visitas ao Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia (HC-UFU) com o intuito de divulgar o projeto.

Essa divulgação foi feita pelas estagiárias, por meio da distribuição de panfletos, fixação de cartazes nos murais do HC-UFU e de convites informais às gestantes que aguardavam pelo atendimento no Ambulatório de pré-natal. Assim, essas mulheres foram convidadas a participar de um grupo, no qual seriam apresentadas informações importantes tanto sobre cuidados básicos (higiene, alimentação, amamentação), como a relação mãe-bebê, o papel do pai e dos irmãos, além de discussões e esclarecimento de dúvidas relacionadas à maternidade e cuidado do bebê, bem como outras oriundas do assunto.

Dessa forma, foram planejados oito encontros, os quais seriam realizados quinzenalmente, às segundas-feiras, com duração de 1 hora e 30 minutos cada, no espaço físico da Universidade Federal de Uberlândia. Ao final, era oferecido um lanche para as participantes e um espaço para uma conversa informal entre elas e as organizadoras do projeto.

Em cada encontro havia uma ou duas pessoas responsáveis para expor a temática, tentando abranger todos os pontos referentes ao assunto proposto. Em determinados momentos, profissionais de outras áreas foram convidados a palestrar. Assim, houve a participação de uma médica, dois acadêmicos do curso de medicina e uma nutricionista consultora em lactação. Além disso, as estagiárias e a professora coordenadora do projeto fizeram a apresentação de assuntos referentes aos cuidados necessários para a prevenção da doença mental no bebê.

Ademais, o debate com as mães participantes foi bastante frequente, sendo que, com perguntas e respostas, foi possível estabelecer um diálogo franco e esclarecedor, o que, provavelmente, colaborou para a preparação destas mulheres para receberem o novo bebê.

Os temas dos encontros foram: 1 – O desenvolvimento físico do bebê; 2 – Os aspectos médicos e psicológicos do parto; 3 – O desenvolvimento psicológico do bebê; 4 – A comunicação e a relação mãe-bebê; 5 – O papel do pai na relação familiar; 6 – A família e o bebê; 7 – Importância e benefícios do aleitamento materno para a mãe e a criança, e cuidados e técnicas durante a amamentação; 8 – Primeiros socorros e prevenção de acidentes em Pediatria.

No primeiro encontro, intitulado “O Desenvolvimento Físico do Bebê”, ministrado por um acadêmico do curso de medicina, os principais tópicos abordados foram: como ocorre a gravidez, a ovulação e a fecundação; a importância da assistência pré-natal e como ela é realizada; quais são as

queixas mais frequentes por parte das gestantes; como ocorre o crescimento e o desenvolvimento intra e extrauterinos e as etapas de crescimento do bebê do primeiro ao vigésimo quarto mês de vida.

Já no segundo encontro, “Os Aspectos Médicos e Psicológicos do Parto”, ministrado por um acadêmico do curso de medicina e duas estagiárias da psicologia, buscou-se tratar de temas como os mecanismos, a assistência clínica e as fases do parto; os tipos mais comuns de parto; a apresentação do serviço de obstetrícia do HC-UFU. Além disso, foram explanadas questões sobre a espera do bebê; a importância de apostar e planejar a vida da criança; os cuidados com a saúde física e psicológica da gestante; os medos e as angústias relacionadas ao parto; o valor de estar acompanhada e acolhida neste momento; o primeiro contato da mãe com o bebê, ainda na sala de parto; e os riscos e cuidados com a depressão pós-parto.

Em seguida, o terceiro encontro, ministrado por duas estagiárias do projeto, teve como temática central “O Desenvolvimento Psicológico do Bebê”, abordando os três organizadores da mente proposto por Spitz (2004), sendo eles: a resposta pelo sorriso, a angústia do oitavo mês e a aquisição do não. Além disso, temas como a importância do brincar, conviver, compartilhar, ensinar a escolher e a valorizar os brinquedos e um alerta sobre a televisão e os jogos foram explanados.

Em relação ao quarto encontro, no qual foi abordado o tema “A comunicação e a relação mãe-bebê”, outras duas estagiárias do projeto proferiram tópicos sobre o que o ser humano precisa para ser feliz; indicadores clínicos de normalidade no bebê; os sinais de risco psíquico; a escolha do nome da criança; a volta da mãe ao trabalho e a escolha do cuidador e do local para deixar a criança na ausência da mãe (escolinhas, berçários, creche, casa de familiares).

No quinto encontro, cuja temática foi “O papel do pai na relação familiar”, as estagiárias abordaram aspectos relativos aos cuidados do pai com o bebê; a designação de tarefas e a confiança que deve ser dada ao pai quando este se dispõe a cuidar do filho; a importância da parceria entre os pais; a responsabilidade e a capacidade para dar limites às crianças; a atenção que se deve ter em ser paciente, carinhoso e atencioso sem esquecer-se da disciplina e o pai servindo de modelo para os filhos. Além disso, foi explanada a ideia de que, em parceria com a mãe, deve-se ensinar e desenvolver nos filhos a noção de responsabilidade, autoestima, e demais valores.

O sexto encontro, ministrado pela psicóloga coordenadora do projeto, destinou-se ao tema “A família e o bebê”. Neste momento, as ideias explanadas diziam respeito aos papéis assumidos na família com a chegada do bebê; a relação com os irmãos; os ciúmes; a constituição psíquica da criança como sujeito; o lugar da criança na família; a disciplina e as responsabilidades; o lazer; o cuidado com o corpo da criança, dentre outras.

O sétimo encontro foi coordenado por uma nutricionista especialista em lactação e responsável pelo Banco de Leite Humano da Universidade Federal de Uberlândia. A palestra teve como tema a “Importância e Benefícios do Aleitamento Materno para a mãe e a criança e cuidados e técnicas durante a amamentação”. Nesta oportunidade, a palestrante fez demonstração de técnicas, explicou detalhadamente o assunto e distribuiu panfletos informativos sobre a amamentação, armazenamento e doação de leite materno e dicas sobre a alimentação complementar.

Por fim, o oitavo encontro, ministrado por uma médica, teve como foco temático “Primeiros Socorros e Prevenção de Acidentes em Pediatria”. A palestrante abordou os cuidados com os acidentes domésticos e como preveni-los; as melhores posições para colocar o bebê deitado; o uso de chupetas e mamadeiras; as atitudes em caso de parada respiratória, cardíaca ou engasgo com alimentos, dentre outros. O encontro tornou-se ainda mais interessante com as demonstrações realizadas com bonecos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No decorrer dos encontros do projeto, o número de participantes foi bastante variado. Isso ocorreu porque algumas mães deixaram de participar devido ao nascimento dos bebês, outras porque já haviam tido seus filhos e precisavam voltar ao trabalho. Algumas mães justificavam suas faltas dizendo que mudanças climáticas haviam impedido sua locomoção até o local dos encontros ou que não estavam bem e fortes o suficiente para saírem de casa, às vezes com dores, inchaços, cansaço. Além disso, a variação da quantidade de pessoas também ocorreu devido à presença, em alguns momentos, de esposos ou acompanhantes das gestantes que estavam assistindo às palestras. A participação variante de alguns acadêmicos do curso de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) também colaborou para a oscilação no número de participantes nos encontros do projeto “Acolhimento e Orientação de Gestantes”.

Contudo, apesar dessa instabilidade no número de pessoas, a interação entre os participantes dos encontros temáticos foi bastante satisfatória, visto que sempre conversavam sobre o tema discutido, trocavam experiências diversas sobre a maternidade, contavam histórias e pediam dicas sobre o cuidado com o bebê. Uma boa relação também foi estabelecida entre as mães participantes, a coordenadora, as estagiárias e os palestrantes do projeto. Percebeu-se que elas estavam à vontade e se sentiam livres para fazer qualquer tipo de pergunta e buscar sanar suas dúvidas e necessidades relacionadas ao parto, ao “ser mãe”, aos cuidados, ao desenvolvimento físico e psicológico do bebê, dentre outros temas.

Assim, é possível citar algumas perguntas que surgiram nos encontros. Por exemplo, como lidar com a culpa advinda da volta ao trabalho e como “romper” o vínculo entre mãe e bebê neste momento; como escolher um cuidador ou um lugar para a criança ficar na ausência da mãe; o uso de mamadeiras e chupetas; nutrição da mãe e do bebê; o período ideal para amamentar o bebê e quando começar a oferecer outros tipos de alimento ao filho, dentre outras.

Os encontros temáticos quinzenais possibilitaram aos participantes e às estagiárias do projeto conhecer ou rever vários conceitos relativos à gravidez, à prevenção e atenção aos sinais de risco de doenças mentais, e aprenderem mais sobre os cuidados com a mãe e o bebê. Além disso, foi possível esclarecer alguns conceitos e dúvidas importantes das mães relativas aos assuntos abordados no decorrer do projeto, colaborando assim, para a eliminação de mitos e ideias leigas acerca da maternidade e do cuidado com o bebê, tanto nos aspectos físicos quanto psicológicos.

Ao final de cada encontro, era dado um *feedback* pelos participantes, sendo este um momento para que eles se expressassem e dissessem como havia sido a discussão do tema, se havia sido

útil, o que foi dito de novidade, e, em alguns casos, davam sugestões de assuntos. É válido dizer que esse *feedback* foi positivo todas as vezes, visto que as pessoas sempre faziam elogios e manifestavam o quanto havia sido produtivo receber informações tão importantes. Além disso, nos últimos dias, quando o projeto estava chegando ao final, algumas mães sugeriram e pediram que houvesse uma continuação do mesmo ou que ele fosse realizado novamente no semestre seguinte.

Assim, outros indícios foram dados e confirmaram a hipótese da relevância de um projeto que tinha como objetivo orientar e conscientizar as mães e seus acompanhantes sobre os cuidados básicos com o filho e a importância da relação mãe-bebê. Um exemplo foi a grande procura das participantes pelas organizadoras do projeto, mesmo após o encerramento do mesmo, a fim de pedirem mais informações sobre alguma temática abordada, indicações de médicos, especialmente pediatras, além de solicitarem que fossem proferidas palestras para a comunidade e até mesmo para comunicar sobre o nascimento e a saúde dos bebês. Dessa forma, pode-se afirmar o quanto as mães precisam estar preparadas para receber o novo filho e a importância de estar bem consigo mesmas, física e psicologicamente, para se ver capaz de cuidar deste bebê.

Durante todos os encontros, a equipe ressaltou a importância de a família fazer uma “aposta” no futuro do filho, repetindo o que afirmou Sonia Motta, na palestra “Sinais de risco no laço mãe-bebê - intervenções precoces” ministrada no Congresso da Associação Brasileira de Neurologia e Psiquiatria Infantil (ABENEPI) em 2005: “temos que olhar o ovo e apostar no pássaro”, preocupando-se em fazer um projeto de vida para o bebê. Esse projeto deve englobar possibilidades para que esse filho seja um ser desejante de coisas boas; que vivencie uma realidade referenciada em valores morais e que tenha expectativa de realizar-se como pessoa feliz.

Desse modo, é importante ressaltar que “bem estabelecido está que o filhote humano não pode prescindir de uma outra presença humana desejante, que lhe enderece um investimento particular, para que a constituição psíquica se construa” (MOTTA, 2008).

Assim, percebe-se como é importante que os pais estejam sempre atentos aos fatores de risco, aos sinais e mudanças de comportamento de seus filhos a fim de buscar uma prevenção das doenças mentais e ao mesmo tempo uma relação mãe-bebê com maior qualidade.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos os palestrantes: Ângela Maria de Moraes Oliveira, nutricionista responsável pelo Banco de Leite Humano do Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia; Clarissa Rodrigues da Silva Brito, médica graduada pela Universidade Federal de Uberlândia; Hugo Alves Araújo e Daniela Rezende Mac, acadêmicos do curso de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia. Agradecemos ainda o apoio da direção e do corpo administrativo da Clínica de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia.

REFERÊNCIAS

CARON, N. A. **A relação pais-bebê: da observação à clínica.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

CELIA, S. Promoção da saúde e resiliência. In: FICHTNER, N. **Transtornos mentais da infância e da adolescência: um enfoque desenvolvimental.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 21-25

DI LORETO, O. **Origens e modo de construção das moléstias da mente (Psicopatogênese).** São Paulo: Casa do Livro, 2004.

EISENSTEIN, E.; SOUZA, R. P. **Situações de risco à saúde de crianças e adolescentes.** Petrópolis: Vozes, 1993.

MALDONADO, M. T. P. **Como cuidar de bebês.** Petrópolis: Vozes, 1984.

_____. **Maternidade e paternidade: situações especiais e de crise na família.** v. 2. Petrópolis: Vozes, 1989.

_____. **Psicologia da gravidez: parto e puerpério.** 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

MOTTA, I. F. **Orientação de pais: novas perspectivas no desenvolvimento de crianças e adolescentes.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

MOTTA, S. P. P. **Anorexia neonatal e intervenções precoces.** Disponível em < <http://www.abebe.org.br/arquivos/Trabs/016%20-%20SONIA%20MOTTA%20-%20ANOREXIA%20NEONATAL%20E%20INTERVEN200345ES%20P%E2%80%A6.pdf> >. Acesso em: 28 jun. 2010

_____. **Sinais de risco no laço mãe-bebê: intervenções precoces.** In: CONGRESSO DA ABENEPI, 18, 2005, Curitiba.

SPITZ, R. A. **O primeiro ano de vida.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Submetido em 30 de junho de 2010

Aprovado em 27 de agosto de 2010